

BREVES REFLEXÕES SOBRE A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DAS MULHERES CABO-VERDIANAS: A HERMENÊUTICA DO COTIDIANO

Sônia Maria Alves de Queiroz
Universidade de São Paulo – FFLCH –USP

RESUMO: Pensar sobre a historicidade das ações das mulheres é recuar no tempo em busca de compreender a sua trajetória das lutas femininas por emancipação social e discursiva. Assim, o contexto que ora examinaremos, o cabo-verdiano, interessa-nos observar como as autoras se escrevem e escrevem sobre o cotidiano feminino em Cabo Verde.

Palavras-chave: Literatura Cabo-Verdiana, Hermenêutica do Cotidiano, Representação social das Mulheres.

ABSTRACT : *Think about the historicity of the actions of women are looking back in time to understand the trajectory of women's struggles for emancipation and social discourse. Thus, we now examine the context, the Cape Verdean government, we are interested in observing how, the authors write, and write about everyday women in Cape Verde.*

Keywords: *Cape Verdean Literature, Hermeneutics of Everyday Life, Social Representation of Women.*

Pensar sobre a historicidade das ações das mulheres é recuar no tempo em busca de compreender a sua trajetória, e a história das lutas femininas por emancipação social e discursiva. Relembrando asserção de Virginia Woolf, em **Um teto todo seu**, (2004, p. 62):

[...] qualquer mulher nascida com grande talento no século 16 teria certamente enlouquecido, ter-se-ia matado com um tiro, ou terminado seus dias em algum chalé isolado, fora da cidade, meio bruxa, meio feiticeira, temida e ridicularizada.

Entre os séculos XV e XVII, o mundo começa a ter conhecimento das ações de alguns grupos de mulheres resistentes às imposições determinadas, principalmente, pela Igreja, e, como resposta a

essas transgressões, a Inquisição as queima, sob a acusação de praticarem rituais de bruxaria. Estigmatizadas, perseguidas, muitas delas exiladas ou mortas por almejar a liberdade do gênero, na busca incessante de fazerem ouvir suas vozes, na tentativa de se posicionarem diante da mentalidade androcêntrica que imperava, as mulheres vão pouco a pouco conquistando etapas, no intuito de rasurar a ordem que persistia em silenciá-las e inferiorizá-las.

Em 1857, o mundo presencia uma das piores crueldades aplicadas às mulheres nos Estados Unidos: 129 operárias de uma indústria têxtil são assassinadas pelos patrões, por haverem planejado uma greve reivindicando melhores condições de trabalho, redução de uma jornada diária que atingia 14 horas diárias de trabalho em linhas de produção, caracterizando-se como mais um tipo de escravatura.

Em 1857, a sociedade francesa, sofre um grande golpe moral com a novela de Gustave Flaubert, **Madame Bovary**.

Em 1910, em Copenhague, Dinamarca, acontecia o 2º Congresso Internacional de Mulheres em memória das operárias mortas durante o protesto de 1857. Em minoria social, as mulheres começam a ampliar sua luta política e transformam o feminismo em movimento social, em busca de novas aliadas (e aliados), nas áreas, socioeconômica, política e cultural, atuando em um contexto masculino que lhes nega direito, inclusive, à liberdade de expressão. As lutas feministas prosseguem a passos lentos, mas decisivos.

Na França, em 1949, eclode um ensaio literário intitulado **O Segundo sexo**, de Simone Beauvoir, que promove um salto para na visão de mundo com relação ao feminino, que repercutiu no mundo, contribuindo para a emancipação da mulher contemporânea, a partir de uma frase célebre que põe em foco o historicismo da ação das mulheres, e o caráter social do conceito de gênero: “Não se nasce mulher, torna-se”.

A palavra de ordem na década de sessenta, foi à luta pela igualdade de direitos e oportunidades entre os gêneros, focada, no caso das mulheres, contra a ideologia machista que lhes impunha a condição de objeto, na desconstrução de construtos alicerçados na inferiorização das mulheres pelos homens.

Maria Odila Leite Silva Dias (1998, p. 231), aliando a hermenêutica do cotidiano ao feminismo (e ao estudo das condições de vida dos oprimidos, dando voz aos “silenciados da história” e visibilidade às novas subjetividades emergentes), explicita:

“A hermenêutica do cotidiano nas ciências humanas, parte atualmente, de um enfoque de crítica da cultura e da metafísica tradicional, que consiste no esforço de transcender dualidades como sujeito-objeto, natureza-cultura, concreto-abstrato”.

A palavra gênero passou a ser usada no interior dos debates que se travaram dentro do próprio movimento feminista, à busca de uma explicação para a subordinação das mulheres à dominação dos homens, com apoio da multidisciplinaridade. Para explicar as diferentes formas de subordinação, a categoria “Mulher” (homogênea e unificadora de experiências ou indiciadora de uma condição) também se mostrou insuficiente, passando o pós-feminismo a utilizar a designação “mulheres”, ao invés de Mulher como gênero universal, respeitando-se o pressuposto, das múltiplas diferenças que se observavam dentro da diferença, posto que as explicações para as subordinações não seriam as mesmas para todas as mulheres, e nem aceitas por todas. Pois suas experiências variam de acordo com as culturas, os grupos sociais e o tempo, já que o corpo não determina univocamente como a divisão social será definida.

Os estudos de gênero consagram o trabalho com as categorias da diferença e do local como base para a compreensão do funcionamento da sociedade, ao invés dos princípios universais. A etnografia e o conhecimento dos elementos locais são analisados como suporte para o acesso ao outro, sua cultura, sua raça, religião etc.

Assim a emergência da história das mulheres, teve papel fundamental na desmistificação das correntes historiográficas, herdeiras do iluminismo, que acreditavam estarem informadas pela Verdade e pela imparcialidade em suas considerações fundadas em estereótipos universais sobre o feminino, acabando por eliminar as mulheres do registro histórico.

A história contada no feminino tem recorrido ainda à abordagem do cotidiano, que permite o reencontro dos tempos desiguais e simultâneos no espaço do vivido e das resistências possíveis de fazer face à visão da história "miserabilista" (PERROT, 1987 apud SOIHET, 1998, p. 100), na qual se sucediam "mulheres espancadas, enganadas, humilhadas, violentadas, sub-remuneradas, abandonadas, loucas e enfermas..."

A hermenêutica do cotidiano das mulheres permitiu emergir o perfil da mulher rebelde (Ibidem), dando destaque a contradiscursos construídos no domínio do miúdo e do detalhe (RAGO, 1998, p. 23).

Alinhando-se com Silva Dias, Rachel Soihet (1998, p.108), considera que:

[...] a abertura dos historiadores para os papéis informais, visíveis apenas através do enfoque do cotidiano, constitui-se no recurso possível para o atingir de nosso objetivo; qual seja, o de obter pistas que possibilitem a reconstrução da experiência concreta das mulheres em sociedade, que têm desempenhado um papel ativo na criação de sua própria história. Dessa forma interpenetram-se, num processo dialético, a história das mulheres e uma nova História.

Por todo o exposto, buscaremos confrontar a escrita literária cabo-verdiana produzida por mulheres ao mundo, construídos pelos homens e aos discursos por eles utilizados para representá-las, com intento de por meio da estratégia comparatista, documentar diferenças e demonstrar como as mulheres se falam, se desvelam e se revelam em Cabo Verde, a caminho de atuação efetiva e, sobretudo, reconhecida.

Nas obras escritas por homens, as questões femininas, quando abordadas, estas, eram apresentadas mediante sua ótica, que não espelhava a subjetividade das experiências das mulheres, por melhor intenção que tivesse em questionar e refletir sobre a problemática de ser mulher num determinado contexto. O aprofundamento no universo do cotidiano feminino era considerado, frequentemente, sem grande valor para as Letras, por considerar-se que seus dilemas mais profundos ou corriqueiros não despertariam a atenção ao público leitor, não atingindo desta forma o sucesso editorial esperado.

Já a produção literária feminina cabo-verdiana vai mais além e traz à tona textos, cujos temas revelam as experiências sociais das mulheres de Cabo Verde, muitas vezes colocando-se como metonímia ou representante da parte pelo todo de tantas mulheres que vivem os mesmos dilemas, as mesmas paixões e desencantos, destacando suas angústias e medos, assim como suas conquistas. A escritura de autoria feminina em Cabo Verde busca representar o cotidiano de mulheres que reinventam a historicidade do dia-a-dia, enfatizando o mundo doméstico feminino, os avanços à emancipação das mulheres, bem como as violências sociais e discriminações sofridas, a iniciação sexual precoce muitas vezes, culminando em uma gravidez indesejada, a

falta de planejamento familiar, a prostituição enfim, a problemática social que insiste em se estabelecer em Cabo Verde.

Investigar como a escritura literária masculina representa a mulher caboverdiana na literatura nos remete a uma questão: como o imaginário masculino concebe essa mulher? Como a caracteriza no campo das letras?

As obras literárias cabo-verdianas de autoria masculina têm buscado representar, ao longo do tempo, dois tipos de mulheres: as circunscritas ao lar (mãe, esposa) e as que circulam na rua (prostitutas, na grande maioria). A mãe é a representação mais frequente, imaculada, assexuada, símbolo de lutas e sacrifícios; uma moça escolhida para seguir o caminho do matrimônio deveria ter requisitos que se aproximassem da imagem materna, imaculada, e a virgindade era como um troféu do qual o homem seria merecedor. Em Cabo Verde, uma moça que namorasse muito ou fosse freqüentadora dos bailes e festas nas redondezas, corria o risco de ficar difamada. Esclarece João Lopes Filho (1996, p. 151), sobre a ética em terras crioulas: Os valores morais e sociais possuem características quase universais – uma vez que dizem respeito a um conjunto de determinados ideais e de princípios. Assim, todos os homens têm, por exemplo, a noção de que o bem deve fazer-se e de que o mal deve evitar-se. A moça, marcada pela sociedade machista como “libertina”, eram recusadas pelos rapazes que buscavam compromissos sérios, e, não raro, eram vítimas de difamação.

OSWALDO OSÓRIO

O ficcionista e poeta Oswaldo Osório, nascido na ilha de São Vicente, a 25 de novembro de 1937, revelou-se nos anos setenta como prosador ao publicar na revista **Raízes** um conjunto de pequenas histórias da série “Amores de Rua”. Desta, selecionamos um pequeno conto, intitulado “Rebindita”, extraído do livro **Nimores e Clara & Amores de Rua**, publicado em 2003, na cidade da Praia, Cabo Verde.

“Rebindita”, título da breve narrativa Oswaldo Osório, traz-nos o ambiente do cais na história de uma “menina de vida” (2003, p. 119) que parte, depois de um relacionamento com o narrador-personagem: *“Agora que noites e noites se sucederam à primeira de Carnaval em que a possui*

graças a um encontro inesperado no Édén, já vai por um ano, censuro-me por não ter ido ao cais despedir-me dela”.

O contexto do relacionamento ocasional com o homem casado gira em torno do baile do Carnaval, e do Édén Park, a mais importante sala de espetáculos da história de Cabo Verde.

Na ausência do homem ao encontro marcado num baile, a moça dorme com outro por vingança, comportamento que o amigo Dante, com quem dialoga o narrador-personagem, considera esperável para uma prostituta: *“Procedeu como menina de vida que é. Mais tarde ou mais cedo havia de acontecer. Trazem-no no sangue, é como se fosse hereditário [...] é uma...”* (Ibidem).

O argumento biológico, que durante muito tempo foi utilizado para a distinção teórica de gênero numa ótica machista-positivista na trilha do determinismo de Hippolyte Taine, definindo a mulher como ser passivo ou como pólo diabólico da relação amorosa, resume aqui a linhagem feminina do comportamento da Rebindita, que o amante resolve chamar de Vendetta, sinônimo de vingança, e ainda dedicar-lhe um conto.

O tratamento pejorativo _ *“é uma...”* _ alia-se à ótica machista na narrativa. As descrições da personagem feminina (o nu feminino exposto para a fruição masculina) ressaltam as reações que sua sensualidade desperta no narrador-personagem:

_ Se a visses nua, se te queimasses no calor do seu corpo, não terias tanto desprezo [...]. Não é preciso dizer-te que ela dança a coladeira fera como nenhuma. [...] ao pôr-se nuíinha: seios de virgem, rapaz, tesos e cónicos como açúcar de forma da Praia, da cor do açúcar mascavado, que chupei em ponto de reбуçado fervendo dentro de mim, ao sentir-lhes a consistência. O ventre de meia-lua onde se encastoava ligeiro acidente que me passava quase despercebido, o umbigo, liso e a adelgaçar-se era também de mulher que nunca tinha engravidado. Vibrátil e de carícias de dedos de seda. Mínimo toque a enlanguesce. Dá-se entre gemidos, afagos e, se morde, fá-lo para desencadear novas torrentes de prazer (OSÓRIO, 2003, p.120-121).

A dança da coladeira (ritmo cabo-verdiano extremamente sensual), complementa o quadro da mulher retratada como fêmea, fantasiada de “coelhinha” no baile de Carnaval. A percepção do narrador-personagem (dado a farras e aos bailes do Miradouro e do Tolentino, tradicionais em Cabo Verde) de que ela “podia ser qualquer daquelas meninas do Curral” (Ibidem, p. 121) evidencia como a tinha encarado, logo de início, como prostituta, logo, objeto de desejo.

IVONE AÍDA

De autoria feminina, destacaremos o conto intitulado “Promessa” (2000), de Ivone Aída Lopes Rodrigues Fernandes Ramos, nascida em Santa Catarina, zona rural da Ilha de Santiago, a sete de setembro de mil novecentos e vinte e seis. Colaboradora da Revista **Mudjer**, publicada pela Organização das Mulheres de Cabo Verde (O.M.C.V.) nos anos oitenta, publicou sua ficção **Vidas Vividas**, coletânea de contos, 1990, patrocinada também pela O.M.C.V. No ano 2000 publica outra coletânea, **Futcera ta Cendê na Rotcha**, Edições Calabedotche, de São Vicente; sua obra mais recente é **A Exilada**, de 2005.

Utiliza também o pseudônimo de Clarissa Roíz em alguns de seus trabalhos. A irmã, Orlanda Amarílis, assim classifica suas estórias: “*Registros de um tempo próximo, de vidas desventuradas, de criaturas simples no estar e nos anseios*” (prefácio a **Vidas vividas**, 1990, p. 5).

O conto “Promessa” apresenta uma estrutura adversa ao determinismo apregoado pelo gênero masculino: a protagonista, uma prostituta do Lombo com determinação vence um “destino” fechado que lhe parece reservado, expondo sua subjetividade e demonstrando sua trajetória interior em busca de ultrapassar uma situação que teimava em permanecer, condenando-a a uma condição de miséria moral (“devastadora”) e material. *Bia, moça “bonita e acanhada”, mas “menina de vida”, habita o espaço periférico de Lombo de Trás, na ilha de São Vicente, conhecido pela vida dura de seus residentes, trabalhadores à volta do porto, e pelas casas de prostituição que servem a coreanos, japoneses, americanos, franceses e outros mais, que desembarcam dos navios-escola no Porto Grande* (RAMOS, 2002, p. 376).

A história, contada a perspectiva da subjetividade feminina, recorre à abordagem do cotidiano mindelense, que permite o reencontro dos tempos desiguais e simultâneos no espaço do vivido e das resistências possíveis de fazer face à visão da história “miserabilista”. O conto, a uma leitura menos profunda, sugere apenas um relato do *modus vivendi* de suas personagens, entrelaçando estórias de mulheres e de homens cabo-verdianos em situação de pobreza: as conversas nas portas das casas, os encontros ao acaso pelas ruas, os sonhos, os sofrimentos da condição humana, vivendo em um meio degradante, a vida das prostitutas, dos meninos da ponta da praia (os cicerones), estórias de emigração e de abandono.

Ivone Ramos (2002, p.375-376) desenha um retrato ficcional da realidade social dos menos favorecidos: *Lombo de Trás, morada de boa gente, mas também de meretrizes, com suas casas e quartos de aluguel, perdição, prostituição, mulheres ganhando a vida de que maneira. As casas de andar térreo, paredes esburacadas, as janelas de tábuas carcomidas, davam um ar triste ao ambiente. Ali, acolá, antevia-se a divisória dos quartos em pano barato e desbotado, às riscas, quadrinhos, ou em flores pálidas, sem vida de tanto uso, tudo no sentido de haver menos promiscuidade. A pobreza e a humildade de alguns habitantes desse bairro confrangiam o coração dos mais sensíveis. As ruas de terra batida ofereciam um panorama desagradável devido à lixeira acumulada e aos regatozinhos de água suja escorrendo em fios, exalando um cheiro nauseabundo.*

No que toca à literatura de cunho neo-realista, a preocupação da autora ultrapassa o solo de Cabo Verde e repercute como necessidade de expor à condição humana numa zona hostil e injusta socialmente. “*essa gente com seus problemas cruciais de sobrevivência*” (Ibidem, p. 376), conhecida como “*pé descalço*” (Peixeira, 2003, p.150), habitando as periferias da cidade do Mindelo, tais como Fonte Felipe, Monte Sossego, Ribeira Bote, Craca, Chã de Cemitério e Monte Lombo, fazem parte mulheres sós como Djéna, (ou Eugênia), que trabalhava para o sustento dos filhos, com marido na emigração; ou meretrizes como Bia, Canda e Manuela. Devido à falta de recursos, as estratégias mais recorrentes são a emigração (para o exterior) ou a migração para zonas urbanas, a incursão no mercado informal, dentre outras. Nos meios urbanos, o desenvolvimento da atividade informal é a saída para muitas famílias, com ênfase no trabalho feminino. Vários são os subtemas discutidos nesse conto, dentre eles, a emigração masculina personificada por Grigol, marido de Djéna, que a abandonara com nove filhos; a violência do marido de Rosa Chica, que a espancava a cada bebedeira; o sincretismo religioso (entre o catolicismo e o espiritismo), observado nas falas de Djéna, Nuninha e Rosa Chica, apoio para suportar as vicissitudes da vida; o preconceito contra as prostitutas e a dificuldade de emprego para estas; a animalização do sexo; o sexo como mácula; o casamento como meio de enobrecimento da mulher; os serviços informais assumidos pelas mulheres para sustento das famílias.

No caso de Grigol, emigrado para a Holanda, “*essa terra onde todos os*

cabo-verdianos iam em busca de uma vida melhor, labutando pelo sustento da família” (RAMOS, 2002, p. 395), depois para a Argentina, acaba por arranjar outra companheira, deixando mulher e filhos. Seu intuito primeiro era emigrar “na esperança de poder esquivar-se da vida dura de estivador e afinal a sorte não o bafejara [...], tivera a pouca sorte de ser apanhado como clandestino” (Ibidem).

Djéna (ou Eugénia), com a longa ausência do marido e as grandes dificuldades de sobrevivência da família numerosa (assume tarefas informais para supri-las, como lavagem de roupas, venda de rebuçados, carregar água à cabeça), torna-se “mulher escaveirada”, mas, honesta e positiva, ainda encontra forças para repartir seu pouco alimento com a prostituta Bia, incentivando-a a realizar o seu desejo: ter um emprego e abandonar a vida de meretriz no Lombo.

A trajetória de Bia: vinte e dois anos, “bonitona”, “olhos rajados e meigos”, “sorriso doce”, “ar ingênuo”, “rosto oval e moreno”, “cabelos negros e fartos, busto bem contornado, ancas bem delineadas” _ é o fio condutor das várias estórias entrelaçadas, vai da “vida fácil”, ao casamento com um estrangeiro (ao escrever à amiga Djéna): “*Casamos na Merca (América) e hoje não sou mais a Bia rejeitada pela Dona Zinha, não! Hoje sou dona da minha casa em Betefete [...] Se vires a Canda, diz-lhe que a Bia venceu e já não é a menina do Lombo, menina de vida que ela queria que eu continuasse a ser*” (Ibidem, p. 400).

Para Bia, agora: Maria de Jesus do Patrocínio ou Mississe Smith, vencer é realizar a sua maior aspiração e, com a amiga Djéna, agora vivendo com o marido retornado da emigração, mas ainda na mais absoluta miséria, Bia complementa a sua promessa (título do conto): “Vai hoje um cheque, não me esqueci da minha promessa e podes contar sempre com ele. Não te deixarei passar falta” (Ibidem).

A expressão da subjetividade feminina é uma das estratégias da literatura produzida por mulheres para desmascarar estas práticas de discriminação e subalternização das mulheres, e Ivone Aída não foge a este princípio. Revela os sentimentos de Bia (*a prostituição “doía-lhe”, “enojou-se de si própria”, “que vergonha, que vergonha!”*, “*amargurada*”, “*teve repulsa por si própria*”, “*não cair outra vez nesse lodo*“, “*sem emprego, escorraçada do primeiro trabalho [...] pelo preconceito dessa dama de alta roda*”, “*haveria de vencer*”, “*quero ser uma mulher decente*”).

A culpa expressa por Bia, parece a um aspecto de vivência culposa cujas razões fundamentam-se num histórico de relações de gênero assimétricos, desiguais em detrimento do gênero feminino, que tem sido identificado simbolicamente como "sexo frágil", "segundo sexo", sombra, caos, imanência, referências simbólicas inferiorizadas em relação ao masculino, "sexo forte", "primeiro sexo", luz, ordem, transcendência etc.

À luz dessa lógica de dominação, o masculino e o feminino vêm sendo construídos, através da história e neste processo, a culpa destaca-se como uma das marcas predominantes da subjetividade feminina, explorando suas experiências e sentimentos, associa-se ao que Maria Odila Leite da Silva Dias chama de hermenêutica do cotidiano feminino, ou seja, a experiência vivida da historicidade construída pelas mulheres, que uma escrita literária de autoria feminina busca enfocar. Retomando:

Trata-se de apreender o ser através da experiência vivida, e não através de idéias, estaticamente [...] O estudo do cotidiano nas sociedades em transformação, ao resvalar por experiências de vida, escapa ao prescrito e aponta para o vir a ser, para papéis informais, para o provisório e o improvisado (DIAS, 1994, p. 375).

Bia. Abençoada como Maria, e de Jesus, vence, com sua perseverança, a trilha que lhe foi "empurrada". Em resumo, Bia "nunca desanimou, continuou lutando e tinha fé que haveria de vencer". Venceu e (se) venceu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIAS, Maria Odília Leite da Silva. *Novas Subjetividades na Pesquisa Histórica Feminista: uma Hermenêutica das diferenças*. Publicações do Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos – CIEC. Últimos títulos. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.

BACELAR, J. Afonso. *A Família da Prostituta*. Ed. Ática, 1982.

GOMES, Simone Caputo. *Uma Recuperação de Raiz: Cabo Verde na Obra de Daniel Felipe*.

Tese – Instituto Caboversiano do Livro e Do Disco.- ICL. Departamento de Letras Pontifícia
Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1979.

PIRES, Virgílio Avelino. *Lulucha In: Claridade nº 9, Antologia de ficção cabo-verdiana.*
Ed. AEL – v. 2, Praia, 2001.

_____ *Titina In: Claridade nº 9, Antologia de ficção cabo-verdiana.*
Ed. AEL – v. 2. Praia, 2001.